

Jessica Jones - Invisibilização do debate sobre gênero em matérias do Globo, Estadão e Folha

Jéssica de Oliveira SOARES ¹

Ada Kesea Guedes BEZERRA ²

Universidade Estadual da Paraíba, PB

Resumo

Há na sociedade uma emergência do debate a respeito de gênero e conseqüentemente suas representações na mídia, influenciados pelos movimentos feministas que chamaram a atenção para a importância dessas discussões. O Jornalismo e a notícia enquanto construções sociais da realidade pautam e são pautados pelos assuntos emergentes. Este trabalho busca avaliar se os principais e mais tradicionais jornais brasileiros, *O Globo*, *Folha* e *Estadão*, seguem esse caminho e dialogam com seu público de forma apropriada ou invisibilizam temas relevantes, pela análise de conteúdo na divulgação do seriado *Jessica Jones*, o qual a história trata também de cultura do estupro e relacionamentos abusivos. Para tal objetivo, foram discutidas as teorias do Jornalismo: espelho, *newsmaking*, agendamento, *gatekeeper*, espiral do silêncio e enquadramento. Complementando-as com estudos de discurso das mídias e de gênero.

Palavras-chaves: Jornalismo. Análise do discurso. Gênero. Jessica Jones.

1. Introdução

A sociedade em geral apoiando ou não, o debate sobre gênero existe, intensificando-se mais em determinados períodos históricos. O século XXI manteve o curso traçado pelos movimentos feministas do século XX, que nos deixou de herança não só as conquistas visíveis no cotidiano da mulher, mas também a percepção da importância de não abandonar mais um assunto essencial para a manutenção da vida política, econômica e social de todos os sexos.

¹ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UEPB. E-mail: kekoutz@gmail.com

² Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Graduada em Comunicação Social com Habilitação e Jornalismo Pela Universidade Estadual da Paraíba e Professora do DECOM – Departamento de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UEPB. - Email: ada.guedes@gmail.com

Sendo a mídia um produto de consumo que chegou às massas através de seus mais diversos formatos - literatura, fotografia, rádio, cinema, TV e mais recentemente via internet - é natural que ela tenha um papel fundamental na divulgação de conteúdos, e que os mesmos integrem assuntos que fazem parte da vida de milhares de pessoas pelo mundo. O Jornalismo integra a programação das mídias, sua principal missão é informar e ele foi onipresente na história dos dois últimos séculos.

A representação da mulher na mídia e na cultura passou por transformações nos últimos 50 anos e forma diariamente mulheres cada vez mais vigilantes de como estão reproduzindo a imagem do universo feminino. A internet, *blogs* e redes sociais, tem sido fundamentais para os debates sobre gênero e suas representação na mídia.

Espera-se então que o Jornalismo siga junto da sociedade e suas mudanças, construídas por ambos numa troca constante de experiências. Porém, não observamos em todos os jornais representações para os gêneros de maneira igualitária. Sendo assim, analisaremos os discursos presentes em três mídias tradicionais no Brasil, em suas versões *online* - *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S.Paulo (Estadão)* e *O Globo* - quando estes jornais divulgaram a série *Jessica Jones*, produção da Netflix em parceria com a Marvel, que traz a heroína do título como protagonista. A divulgação foi observada em três momentos distintos, entre novembro de 2015 e março de 2016.

As teorias utilizadas na análise foram: teorias do Jornalismo - espelho, *newsmaking*, agendamento, *gatekeeper* e espiral do silêncio - com base nos estudos de Felipe Pena (2008) sobre as mesmas. Para complementação foram empregadas a teoria do enquadramento, segundo Mauro P. Porto (2004), as pesquisas sobre análise do discurso do sociólogo Patrick Charadeau (2010) e os estudos sobre gênero de Joan Scott (1989).

2. Sobre teorias do Jornalismo e discurso das mídias

Nos primeiros estudos sobre Jornalismo e compreensão da notícia, ainda no século XIX, tenta-se fixar a ideia de que as notícias são um espelho do real, uma representação exata dos acontecimentos. Trata-se da tentativa de, na época em questão, dar credibilidade ao trabalho dos jornalistas, delimitando-o a zona da objetividade, do que se considera a verdade sobre os fatos - e como defendeu o jornalista Walter Lippman, para dar precisão científica ao ato de informar. “Por essa teoria, o jornalista é um mediador desinteressado, cuja missão é observar a realidade e emitir um relato equilibrado e honesto sobre suas observações, com o

cuidado de não apresentar opiniões pessoais” (PENA, 2005, p. 125). Ou seja, separar fatos observados de opiniões individuais.

Porém, será mesmo a subjetividade particular o único impasse neste caso? Pena (2005, p. 128) conclui, em relação à teoria do espelho, que:

As notícias ajudam a construir a realidade, o que inviabiliza a existência de um simples reflexo do real. Na verdade, os próprios jornalistas estruturam representações do que supõem ser a realidade no interior de suas rotinas produtivas e dos limites dos próprios veículos de informação.

A legitimidade do jornalista e dos meios de comunicação é afetada por outros motivos que fogem do controle de ambos. Aceitando que o Jornalismo participa de uma construção social da realidade e não apenas a reflete como é, podemos nos aprofundar sobre o que, na rotina dos profissionais da área, age nessa construção que molda os produtos finais (notícias publicadas) como são.

De maneira a refutar a teoria do espelho, surge a teoria do *newsmaking*, que avalia critérios como noticiabilidade, o valor das notícias, situações internas e organizações, constituição da audiência e a rotina de produção nas redações. Ela se contrapõe a teoria do espelho. Acredita na notícia como algo “socialmente estruturado”, “admitindo que elas informam e têm referência na realidade. Entretanto, também ajudam a construir essa mesma realidade e possuem uma lógica interna de constituição que influencia todo o processo de construção” (PENA, 2005, p. 129).

A socióloga Gaye Tuchman (1978), uma das principais pesquisadoras do *newsmaking*, o divide em três vertentes: a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e os processos produtivos. Para Tuchman, a produção de notícias acontece em ritmo industrial. Então, não há autonomia para “manipulação da notícia” por parte do jornalista, se o próprio é submetido a planejamentos produtivos. “Diante da imprevisibilidade dos acontecimentos, as empresas jornalísticas precisam colocar ordem no tempo e no espaço. Para isso, estabelecem determinadas práticas unificadas na produção de notícias.” (PENA, 2005, p. 130).

Critérios de noticiabilidade, por exemplo, selecionam os fatos mais interessantes. A importância, o valor-notícia dos personagens envolvidos em cada evento, que quanto mais famoso for, mais chances têm de virar notícia. Outros critérios são a sistematização do

trabalho jornalístico - efeito da divisão de tarefas (pauteiros, repórteres, editores) e o senso comum das redações, criado pela rotina baseada em valores-notícia.

Os estudos sobre *newsmaking* e sua essência, baseada na construção social da realidade, fazem parte da sociologia. E conforme explica Pena (2008), Peter Berger e Thomas Luckman (2003) no livro *A construção social da realidade*, enfatizam ser impossível existir “na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros”. Isso vale não somente para indivíduos, mas também para instituições, culturas e demais forças sociais vigentes no período em que estivermos inseridos. Segundo o sociólogo Patrick Charaudeau (2010, p. 95), os acontecimentos passam “pelo trabalho de construção de sentido de um sujeito de enunciação que o constitui em ‘mundo comentado’, dirigido a um outro do qual postula, ao mesmo tempo, a identidade e a diferença.”.

Já a teoria do *gatekeeper* releva a ação pessoal de decidir quais informações usar. É que “diante de um grande número de acontecimentos, só viram notícia aqueles que passam por uma cancela ou portão (*gate* em inglês). E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o *gatekeeper*), que é o próprio jornalista.” (PENA, 2005, p. 133). Este conceito é antecessor e complementar ao *newsmaking*. “Os estudos posteriores chegaram à conclusão que as decisões do *gatekeeper* estavam mais influenciadas por critérios profissionais ligados as rotinas de produção da notícia e à eficiência e velocidade do que por uma avaliação individual de noticiabilidade.” (PENA, 2005, p. 134).

A teoria do agendamento, por sua vez, defende que a mídia agenda o que vamos discutir, o que será assunto na esfera pública. Mais do que isso, nos estudos de McCombs e Shaw (1977), a mídia influencia a formação do conhecimento das pessoas, como aprendemos com ela. Entretanto, as empresas de comunicação não conseguem ser totalmente preocupadas em persuadir, se também sofrem os efeitos de seus sistemas produtivos. Desta forma, vale refletir: até que ponto o agendamento pode influenciar a opinião dos cidadãos? Para Pena (2005, p. 145):

A temática da teoria do agendamento também representa a evolução de uma perspectiva quantitativa para uma abordagem representativa dos efeitos. O que vale é o significado daquilo a que as pessoas estão expostas e, também, o impacto acumulativo da exposição, cuja frequência continuada e cotidiana influencia na cognição.

Não só estabelecendo tipos padronizados, para Stuart Hall (1999) a imprensa pode reproduzir a ideologia dominante e perpetuar o *status quo*. Mas de acordo com a teoria da

espiral do silêncio, essa reprodução ideológica pode ser explicada pela própria relação entre mídia e público. Criada por Noelle-Neumann, “essa teoria defende que os indivíduos buscam a integração social dentro dos parâmetros da maioria para evitar isolamento.” (NOELLE-NEUMANN apud PENA, 2005, p. 155). Já os enquadramentos noticiosos da mídia, segundo Mauro P. Porto,

Organizam o mundo tanto para os jornalistas que escrevem relatos sobre ele, como também, em um grau importante, para nós que recorreremos às suas notícias. Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira. (PORTO, 2004, p.80).

Ou seja, enquadramentos escolhem qual lado de uma história mostrar através da seleção dos fatos, e dentre eles, quais enfatizar e quais excluir. Vejamos a seguir as principais autoras sobre gênero.

3. A emergência do debate sobre gênero e imagem da mulher na mídia

A noção de gênero como categorial teórica de análise e de debate não emergiu recentemente, surge do público, mais especificamente o feminino, para só depois virar estudo acadêmico e pauta para jornais. Na época, a mídia não agendou esse assunto, tão pouco tentou espelhá-lo no real. A segunda onda do feminismo, que ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, com destaque nos Estados Unidos, levou às ruas, lares e mulheres, o debate sobre gênero enquanto questão política, para além do sexual e biológico, propondo uma desconstrução do sistema familiar padrão e uma procura de respostas para seu funcionamento como era até aquele momento.

O gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente; ele é construído igualmente na economia, na organização política e, pelo menos na nossa sociedade, opera atualmente de forma amplamente independente do parentesco (SCOTT, 1989, p. 22).

Obras como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1949) - livro responsável pela frase “Ninguém nasce mulher. Torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 1949, p.9) - e *A Mística Feminina*, de Betty Friedan (1963), foram cruciais para o despertar dos

questionamentos femininos a cerca de suas condições na sociedade. A primeira onda do feminismo, realizada do final do século XIX ao começo do século XX, simultaneamente em várias partes do mesmo, foi marcada pelo sufragismo - a reivindicação de mulheres, as sufragistas (ou *suffragettes*) pelo direito ao voto, a participação nas eleições e escolhas políticas. Em países capitalistas que vivem numa democracia, nada mais óbvio que todos - incluindo mulheres adultas - pudessem votar. Porém, na prática, não funcionava desta forma. No documentário de 2014, dirigido por Mary Dore, *She's beautiful when she's angry* (“Ela é linda quando está com raiva”, tradução livre), uma das ativistas a dar depoimento, conta que a maioria das mulheres participantes daquele movimento - a segunda onda - sequer tinham conhecimento da primeira onda feminista e suas articulações pelo sufrágio. Pouco se sabia sobre a história da mulher e não havia reflexão sobre as mesmas. Isso foi um dos impulsos para que se iniciasse pesquisas a respeito de gênero.

A missão de descobrir e aprender sobre a história das mulheres, suas conquistas e terminologias, ficou mais a cargo de historiadores(as) feministas, já que para os demais, saber quais intervenções femininas aconteceram, não teria importância suficiente para modificar a história já conhecida.

Mais recentemente – recentemente demais para que possa encontrar seu caminho nos dicionários ou na enciclopédia das ciências sociais – as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos. A relação com a gramática é ao mesmo tempo explícita e cheia de possibilidades inexploradas.” (SCOTT, 1989, p. 2).

Identidades de gênero são mutáveis, únicas e individuais - se estabelecem de acordo com personalidades e mudanças psicológicas, sofrendo ainda influência da cultura local. Para a autora,

O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (SCOTT, 1989, p. 21).

Sendo mutáveis, terão a capacidade de se modificar também na relação com a sociedade, ao longo de gerações e suas respectivas condições e interesses. “Cada corrente

de pensamento ou vertente do feminismo interpreta o mundo de maneira diferente das outras, o que leva a uma diversidade de opiniões sobre os produtos midiáticos e a maneira como representam mulheres.” (ANDRADE, 2012, p. 35).

Estamos vivenciando agora a terceira onda do feminismo, iniciada timidamente em meados dos anos 1990 e tendo seu ápice nos anos 2010, e que tem o poder de escolha como um de seus principais conceitos. O autor acrescenta ainda que “as mulheres têm direito de escolher tudo o que diz respeito às suas próprias vidas [...] passam a ser donas dos seus próprios corpos, de suas próprias sexualidades e escolhem como usá-los.” (ANDRADE, 2012, p. 34).

A mudança de postura da atual geração feminina - influenciada diretamente pela segunda onda feminista e que conta com novas formas de emponderamento - é importante para um olhar mais aberto, porém muito crítico, em relação as representações atuais dos gêneros na mídia. “Ao contrário das feministas de segunda onda, que criticavam as estruturas midiáticas e os modelos de consumo da sociedade capitalista, considerando ambos como armas do patriarcado, as mulheres da terceira onda encontram na cultura popular e no mundo de consumo uma forma de prazer, absorvendo tudo de maneira crítica e consciente e defendendo a ideia de que é necessário encontrar maneiras de relacionar cultura popular e feminismo de forma a mudar as representações sexistas que estão constantemente presentes nos meios de comunicação de massa.” (ANDRADE, 2012, p. 35). É natural que essa postura crítica demande da mídia mais esforço para agradar o público feminino de hoje, pronto para cobrar representações mais humanizadas e menos estereotipadas.

4. Jessica Jones – um olhar sobre cultura de estupro e relacionamentos abusivos

Jessica Campbell Jones é originalmente uma super heroína ficcional de histórias em quadrinhos, da editora norte-americana Marvel Comics. Criada por Brian Michael Bendis e Michael Gaydos, sua primeira aparição foi em *Alias* #1, no ano de 2001. Na definição da própria Marvel,

Jessica Jones possui força sobre-humana; os parâmetros de sua força não são revelados, mas ela pode levantar um automóvel sem nenhum esforço aparente. Ela possui nível maior de resistência a danos físicos, embora ela não tenha certeza se está ou não à prova de balas. Ela também é capaz de voar, embora ela esteja sem prática

em fazê-lo. Jessica Jones é razoavelmente uma habilidosa detetive e lutadora corpo-a-corpo.³

A carreira de Jessica Jones como heroína a princípio é curta, já que logo após começar a usar seus poderes para ajudar pessoas, ela é feita prisioneira, manipulada e violada durante oito meses pelo vilão Homem Púrpura (Zebediah Killgrave), que possui o poder de controlar pessoas através de sua fala - seus pedidos exercem comando sobre qualquer um. Jones se livra do controle mental de Killgrave somente depois que ele a obriga a cometer um assassinato.

As histórias dos quadrinhos, e suas adaptações para cinema ou TV, como de costume, são diferentes. Então, muitos detalhes são narrados de maneiras distintas nas duas mídias. O que basicamente não muda são características da protagonista e o estilo mais adulto da série. Em 2015, Jessica Jones foi adaptada pelo Netflix, um provedor de filmes e séries de televisão via *streaming*. Escrita pela roteirista Melissa Rosenberg, protagonizada pela atriz Krysten Ritter (Jessica Jones), e pelo ator David Tennant (Killgrave), a série segue uma linha realista e sombria, similar a outra também da Marvel, adaptada anteriormente em 2014 - *DareDevil*, ou Demolidor no Brasil - que nos quadrinhos faz parte do mesmo universo da heroína. Porém, Jones está mais para anti-heroína, por sua personalidade complexa e pelos os efeitos colaterais em seu comportamento, após o enclausuramento sob os comandos do vilão Killgrave. Vemos uma personagem fácil do público se identificar, porque mesmo com poderes, os conflitos de Jones giram mais em torno dos seus traumas pessoais e íntimos, do que ataques externos alienígenas, por exemplo, como em outros quadrinhos. Ela se torna detetive particular, por querer um emprego mais comum, mas sua prioridade se resume ao consumo de bebidas alcoólicas - tentativas de superar o passado trágico.

Apesar de estar na ficção, os problemas de Jessica Jones são comuns a maioria das mulheres e na série são abordadas questões reais através de metáforas, como: dominação masculina diante da mulher - nos poderes persuasivos do vilão Killgrave. Desenvolvendo assim, uma discussão sobre cultura do estupro e relacionamentos abusivos. A normalização de atitudes repressoras tomadas por homens, a ponto de que eles nem percebam se causam o mal.

³ Traduzido de Marvel. Chacters: Jessica Jones. Disponível em:
<http://marvel.com/characters/2722/jessica_jones>. Acesso em: 31 de maio de 2016.

A cultura do estupro e a romantização de relacionamentos abusivos estão presentes num conjunto de comportamentos em diversas sociedades, que naturalizam a violência contra a mulher, ao objetivar o corpo feminino e culpar a vítima pelos abusos sofridos. Portanto, fortalecendo atitudes baseadas em hierarquia e poder sobre o outro, colocando os gêneros em posições desiguais. O termo cultura do estupro deriva de “*rape culture*”, debate iniciado também pelas americanas da segunda onda do feminismo.

5. Uma análise sobre a divulgação da série Jessica Jones pelos jornais *online* Folha, Estadão e O Globo

A série original Netflix, Jessica Jones, foi assiduamente noticiada pela mídia nacional e internacional, no Brasil principalmente em três momentos: o lançamento oficial *online*, a visita do elenco ao país durante uma convenção e a ocasião da visita ao Brasil feita pela roteirista da série, Melissa Rosenberg.

No primeiro momento - o lançamento da série - a mídia fez o agendamento do assunto que deveria ser falado. No dia 20 de novembro de 2015, mesma data de estreia da série, a *Folha de S. Paulo* foi a única a ser pontual e publicar sua crítica de Jessica Jones. A matéria saiu na versão *online* do tradicional caderno de cultura do jornal desde sua versão impressa, o *Ilustrada*, com o título “*CRÍTICA - 'Jessica Jones' foge do padrão de heróis carrancudos da Marvel*”. O programa foi bem avaliado com três estrelas e o texto trazia resumos da biografia da personagem, de seu universo Marvel e elogios a caracterização de Jones, tanto no roteiro quanto na interpretação de Krysten Ritter.

No dia seguinte, 21 de novembro, o segundo a publicar foi a versão *online* do jornal *Estado de S. Paulo*, com o título “*Nova série 'Jessica Jones' é o melhor da Marvel para adultos*”. Apesar de também enaltecer a personagem feminina e sua representação, o texto não tem uma linguagem próxima do público que consome Netflix, erra a quantidade de episódios - a série tem treze, mas o texto diz dez - e não argumenta como no caso da crítica da *Folha*, mas adjetiva, o que parece uma tentativa de dramatização do conteúdo.

O último a falar sobre o lançamento foi a versão *online* do jornal *O Globo* - “*'Jessica Jones' promove heroína lado b a destaque da TV*” saiu com um certo atraso no dia 24 de novembro, porém trazendo como adendo entrevistas direto de Los Angeles com a roteirista Melissa Rosenberg e a atriz Krysten Ritter, pela parceria com a agência de notícias *Reuters*.

Os três discorrem sobre a importância da série enquanto inovadora, o que Charaudeau (2010, p. 102) chama de *processo evenemencial*, que se trata da construção do acontecimento. E neste caso - notícias sobre estreia da série - o acontecimento é selecionado em função do seu potencial de “atualidade”, que “se transformará em tendência [...] por tratar o acontecimento em seu imediatismo, como se ele existisse num estado definitivo”. Também estão de acordo com uma das exigências dos gêneros da imprensa escrita - a exigência de *inteligibilidade* - comum a análises como estas, em que os autores buscam proximidade com o leitor através do engajamento.

Por ser em texto, poderiam ser redigidas com mais zelo e possíveis correções, o que não observamos na matéria do *Estadão*, que cometeu erros ao descrever o conteúdo, com excesso de adjetivos no texto - “terrível”, “atrapalhada”, “sangrentos”, “impressionante” - e no subtítulo “*Série conta a história de heroína assombrada por um terrível passado*”. Sendo assim, ainda usa a exigência de *dramatização*, que “não pode ser tão claramente exposta como as outras, insinua-se nos modos de escritura dos artigos e particularmente no título” (CHARAUDEAU, 2010, p. 234).

Percebe-se a presença do agendamento nas três notícias, sobretudo se considerarmos Mauro Wolf (2002), citando a pesquisadora alemã Elisabeth Noelle-Neumann, que divide a ação da mídia em três estágios básicos: Acumulação - capacidade da mídia para criar e manter a relevância de um tema. Consonância - semelhanças nos processos produtivos de uma informação, mais significativos do que as diferenças. E onipresença - o fato de a mídia estar em todos os lugares com o consentimento do público, que conhece sua influência. O primeiro ponto de acumulação complementa as teorias de Charaudeau (2010). O último ponto de onipresença é relevante, porque analisamos páginas *online* de empresas de comunicação antigas e tradicionais no Brasil, com uma audiência consolidada e que às vezes não os questiona.

No segundo momento, por volta de duas semanas após estreia da série, aconteceu na cidade de São Paulo (SP), o CCXP (sigla para Comic Con Experience), evento que surgiu no intuito de trazer para o país algo no estilo das grandes convenções de cultura pop americanas, como a Comic Con San Diego. A CCXP edição 2015 trouxe elencos de várias séries Netflix, entre elas de Jessica Jones, com a dupla Krysten Ritter e David Tennant. Neste acontecimento, as notícias do *Estado de S.Paulo* e *O Globo* foram veiculadas *online* na mesma data - 6 de dezembro de 2015 - dois dias depois da cobertura do evento.

O *Globo* novamente mescla o texto com entrevistas, agora dos atores, na reportagem “*David Tennant exalta temas adultos e personagens fortes*” e subtitulada “*Ex-'Doctor Who' veio ao Brasil junto da protagonista Krysten Ritter para a Comic Con*”. O texto explora todos os assuntos da série, pelas falas de Tennant - “Acho ótimo poder contar essas histórias de sexo, relações homossexuais, aborto, sem titubear e sem faltar com o respeito”. Já o *Estadão* traz a matéria “*Ex-'Doctor Who', David Tennant é vilão assustador em 'Jessica Jones'*”, com o subtítulo “*O mais simpático e assustador vilão da Marvel veio a São Paulo para a Comic Con Experience*”. Enquanto *Folha de S.Paulo* publicou no dia 7 de dezembro com o título “*'Jessica Jones' é uma história de redenção, diz atriz Krysten Ritter*”, sem subtítulo.

Mas, vamos à análise dos discursos. As duas primeiras matérias têm títulos e subtítulos que trazem em destaque David Tennant, interprete do vilão Killgrave e celebridade mais conhecida por ter estrelado a série britânica *Doctor Who*. Destaque não só nos títulos, mas também na entrevista, feita somente com o ator, tanto no *Globo* como no *Estadão*. *Folha* divide igualmente espaço de fala para os dois artistas. Mesmo a série sendo protagonizada por Ritter, que também estava no evento, e embora o nome da série seja da personagem feminina principal, Jessica Jones, por que determinado enquadramento em dois dos jornais? Selecionando fatos e dando ênfase a outros. As explicações podem estar na teoria newsmaking, pelos critérios de noticiabilidade e valores-notícia - Tennant é mais conhecido do que Ritter. Podem ser entendidas pelo ponto de vista da teoria gatekeeper - alguém escolheu quem ou o que passaria como informação - no caso, optar por entrevistar somente o ator. Ou podemos ir mais a fundo e entender como desigualdade entre os gêneros, para beneficiar um - o masculino. Joan Scott (1989, p. 7) esclarece que o termo gênero era frequentemente atrelado somente a imagem da mulher, mas não de forma vantajosa para as pesquisas, e sim “para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Este uso insiste na ideia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo”. Se até nos estudos acadêmicos sobre gênero tentaram unificar o termo para ter só um enquadramento, também é possível que no Jornalismo se queira afirmar o universo feminino estando sempre em função do masculino. Portanto, enfraquecendo a emergência do debate sobre gênero e representação feminina na cultura. As explicações para tais enquadramentos podem estar também numa fusão de duas ou três dessas hipóteses.

Outro adendo é a utilização da palavra “adulto” pelo *Estadão* em dois títulos - nos primeiros e segundo momentos - como eufemismo para os temas de sexualidade, violência e traumas psicológicos abordados em Jessica Jones. Sites de mídia alternativa fizeram resenhas a divulgando com títulos mais explícitos e diretos sobre do que realmente se falou na história do seriado. O *Update or Die!* publicou uma matéria com a chamada “Jessica Jones e a cultura do estupro”, no dia 30 de novembro de 2015, e o site *Collant sem Decote* veiculou a resenha “Jessica Jones e os relacionamentos abusivos”, em 25 de novembro de 2015. A mídia independente e/ou especializada não demonstra receio ao divulgar os conteúdos com títulos talvez polêmicos. Não por sensacionalismo, mas para enfatizar os assuntos que realmente foram levantados.

Estaria a mídia tradicional evitando comentar e problematizar esses assuntos? Desigualdade de gênero, relacionamentos abusivos e cultura do estupro. Segundo a teoria da espiral do silêncio, “Os meios de comunicação tendem a priorizar as opiniões dominantes, consolidando-as e ajudando a calar minorias (na verdade, maiorias) isoladas.” (PENA, 2005, p. 156).

De passagem pelo Brasil para um evento, em março de 2016, a roteirista Melissa Rosenberg, principal responsável pela adaptação de Jessica Jones pela Netflix, concedeu entrevistas. O site *UOL* publicou no dia 3 de março de 2016 uma reportagem que falou da carreira da própria roteirista, da série e das respostas do público. Intitulada “‘Era a hora de uma heroína’, diz criadora de Jessica Jones”, o texto tem enquadramento com ênfase nas questões levantadas pelo programa, como a representação feminina repercutiu para mulheres e comenta desigualdade de gênero sem temor, no trecho: “Com a experiência de quem enfrenta sexismo na indústria do entretenimento há mais de 20 anos, Melissa decidiu seu próximo projeto: uma série com uma super-heroína.”. *Folha de S.Paulo* também fez material com entrevista da roteirista, saindo antes no dia 8 de março. Mas dentre tudo falado, os mesmos temas da pauta na *UOL*, o título foi: “Vai ser difícil um vilão tão bom como Kilgrave”, diz criadora de 'Jessica Jones'”. Trata-se da penúltima pergunta da matéria e umas das respostas mais curtas.

Por melhor que seja a interpretação de David Tennant, os jornais da mídia tradicional precisam enaltecer o vilão Killgrave, desconsiderando os problemas que ele traz consigo dentro da história? “A influência da mídia é admitida na medida em que ajuda a estruturar a imagem da realidade social, a longo prazo, a organizar novos elementos dessa mesma imagem, a formar opiniões e crenças novas.” (WOLF, 2003). Como conferimos na

história feminina, desigualdade de gênero e sexismo, não são realidades sociais novas, já fazem parte da sociedade.

6. Considerações Finais

Presente na teoria do agendamento, mas também cabendo a espiral do silêncio como mecanismos condicionantes, as três ações citadas por Noelle-Neumann - acumulação, consonância, ubiquidade - foram observadas na cobertura dos três jornais *online* - *Folha de S.Paulo*, *o Estado de S.Paulo* e *O Globo*. Excesso de exposição de um enquadramento em detrimento de outro, maneiras similares de produção das notícias e a onipresença da mídia.

Informações recebidas são entendidas de acordo com o ambiente social de cada indivíduo. A mídia tradicional, aparentemente, ignora a diversidade do público, por oferecer abordagens tão semelhantes entre si. A linguagem utilizada por eles não dialoga com o público que consome os seriados produzidos pelo site de *streaming*, Netflix, que mantêm um canal de comunicação constante com as redes sociais. Ambos ocupam o mesmo espaço cibernético de forma compatível.

A mídia tradicional oferece conteúdo como se este fosse peça de museu, na analogia de Charaudeau (2010). As intenções parecem úteis, de despertar o interesse para determinados assuntos, com fins educacionais. Mas a conta não fecha, porque não há de fato um diálogo. Somente a representação do que a mídia e seus discurso consideram relevantes que o público saiba. As opções são escassas para formação de opiniões, remetendo a construção de realidades e não de saberes. E se, para ter um olhar crítico, o sujeito precisa do saber, a mídia está nos tirando chances de adquirir conhecimento.

7. Referências

ALMEIDA, G. "Era a hora de uma heroína", diz criadora de "Jessica Jones". Disponível em:
<<http://noticias.bol.uol.com.br/ultimasnoticias/entretenimento/2016/03/09/eraahoradeumasuperheroinadizcriadoradejessicajones.htm>> Acesso em: 27 de abril de 2016 às 15:28.

ANDRADE, A. F. P. **GRANDE HERA! A representação do feminino na Mulher-Maravilha**. 81 páginas. Monografia. Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

ANTUNES, P. **Ex-'Doctor Who', David Tennant é vilão assustador em 'Jessica Jones'**.

Disponível em:

<<http://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,exdoctorwhodavidtennantevilaoassustadoremjessicajones,10000003950>>. Acesso em: 24 de abril de 2016 às 14:37.

ANTUNES, P. **Nova série 'Jessica Jones' é o melhor da Marvel para adultos**. Disponível em:

<<http://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,novaseriejessicajonesemelhordamarvelparaadultos,10000002583>>. Acesso em: 27 de abril de 2016 às 00:22.

BERGER, P; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRANDÃO, L. **David Tennant exalta temas adultos e personagens fortes**. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/cultura/revistadatv/davidtennantexaltatemasadultospersonagensfortesdejesicaajones18229989>>. Acesso em: 24 de abril de 2016 às 14:40.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.

FRANÇA, C. **Jessica Jones e os relacionamentos abusivos**. Disponível em:

<www.collantsemdecote.com/jessica-jones-e-os-relacionamentos-abusivos>. Acesso em: 24 de abril de 2016 às 17:50.

HALL, S.; CHRISTCHER, C.; JEFFERSON, T.; CLARKE, J.; ROBERTS, B. **A produção social das notícias: Os mugging nos media**. IN: TRAKINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1999.

LAMBERT, D. **CRÍTICA 'Jessica Jones' foge do padrão de heróis carrancudos da Marvel**.

Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/11/1708534jessicajonesfogedopadraodeheroiscarrancudosdamarvel.shtml>>. Acesso em: 24 de abril de 2016 às 16:11.

LIPPMANN, W. **Public Opinion**. New York: Free Press, 1922.

MARVEL. **Characters: Jessica Jones**. Disponível em:

<http://marvel.com/characters/2722/jessica_jones>. Acesso em: 31 de maio de 2016 às 20:00.

McCOMBS; SHAW. **The emergence of american political issues: the agenda-setting function of the press**. Saint Paulo: West Publishing Co., 1977.

NOELLE-NEUMANN, E. **La espiral del silencio: opinión pública - nuestra piel social**.

Barcelona: Paidós, 1995.

PENA, F. **Teorias do Jornalismo**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PESSOA, G. **'Jessica Jones' é uma história de redenção, diz atriz Krysten Ritter**. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/12/1715795jessicajonesumahistoriaderedencadizatrizkrystenritter.shtml>>. Acesso em: 24 de abril de 2016 às 16:01.

PESSOA, G. **'Vai ser difícil um vilão tão bom como Kilgrave', diz criadora de 'Jessica Jones'**.

Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/03/1747414vaiserdificilumvilaotaobomcomokilgrave dizcriadoradejessicajones.shtml>>. Acesso em: 24 de abril de 2016 às 14:17.

PORTO, M. P. **Enquadramentos da mídia e política.** In: RUBIM, Antonio A. (Org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens.** Salvador: EdUFBA, 2004, p. 73-104.

REUTERS. O GLOBO. **'Jessica Jones' promove heroína lado b a destaque da TV.** Disponível em:
<<http://oglobo.globo.com/cultura/revistadatv/jessicajonespromoveheroinaladoadestaquedatv18120635>>. Acesso em: 26 de abril de 2016 às 23:13.

ROMANO, P. **Jessica Jones e a cultura do estupro.** Disponível em:
<<http://www.updateordie.com/2015/11/30/jessicajoneseaculturadoestupro/>> Acesso em: 24 de abril de 2016 às 17:49.

SCOTT, J. **Gender: a useful category of historical analyses.**
Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

TUCHMAN, G. **Making news: a study in the construction of reality.** New York: Free Press, 1978.

WOLF, M. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Presença, 2002.